

ERROS

NAS PESQUISAS ELEITORAIS E DE OPINIÃO

ALBERTO CARLOS ALMEIDA

AUTOR DO BEST SELLER **A CABEÇA DO BRASILEIRO**
E DE **A CABEÇA DO ELEITOR**



As pesquisas se tornaram mais precisas? Viva a urna eletrônica

Quando as pesquisas são avaliadas no passar do tempo, nota-se que elas ficaram mais precisas. Isso vale tanto nas eleições para senador e governador quanto nas eleições municipais. Entre 1990 e 1998 a discrepância das pesquisas que tinham como área geográfica de realização os estados variou em torno de 20 pontos percentuais. Essa discrepância caiu para 14 em 2002. Nas eleições municipais essa melhora foi de 17, em 1996, para 14 pontos percentuais, em 2000. Parabéns para os institutos que identificaram os erros e mudaram os procedimentos! Parabéns?

Passam os anos e as pesquisas ficam mais precisas

(...)

As discrepâncias diminuíram em função da informatização do voto. Em que pese a indignação dos opositores da urna eletrônica, ela contribuiu para que o voto na urna ficasse mais próximo do voto declarado na pesquisa. Veja-se que foi exatamente o que ocorreu. Nas eleições que antecederam a completa informatização, a discrepância das pesquisas foi de 18 ou de 22 pontos percentuais. Já sob o total uso da máquina de votar, as pesquisas passaram a apresentar uma discrepância bem menor, de 15 pontos percentuais.

Discrepância das pesquisas por percentual de votos informatizado

(...)

O grande feito da urna eletrônica foi de contribuir para diminuir a proporção de votos em branco e de nulos. As pessoas de pouca escolaridade que tiveram a chance de escrever seu voto no papel sabem como isso era difícil. Os fiscais de apuração de todos os partidos cansaram de ver votos anulados porque o eleitor escrevia no lugar errado o voto: o nome do deputado estadual onde deveria haver um xis para governador, um xis para presidente ou governador no lugar que deveria haver o nome ou número de deputado federal, a assim por diante. A urna eletrônica — e a “colinha” com número dos candidatos — reduziu de maneira significativa a proporção de votos em branco e nulos (gráfico 10). Mais do que isso: tornou o voto em branco e o nulo mais dependentes da escolaridade — isso é de suma importância para se entender a redução dos erros de pesquisas.

Votos em branco e nulos por informatização do voto e escolaridade do eleitorado

Quando o voto era de papel — em 1994 — a escolaridade baixa explicava 19% dos votos em branco e dos nulos. Em 1998, a baixa escolarização passou a explicar 37% dos votos em branco e dos nulos, e esse percentual subiu para 46% em 2002 com 100% do voto na maquininha. O que isso quer dizer? Que antes da urna eletrônica muitos votos nulos e em branco ocorriam por causa de outros erros que não somente o erro devido à escolaridade baixa. Podia ocorrer que pessoas mas bem instruídas, por falta de familiaridade com complexidade da cédula eleitoral, errassem o voto. Atualmente, pelo contrário, é preciso ter grande capacidade cognitiva para desperdiçar o voto. A consequência foi direta: caiu bastante a proporção de votos em branco e nulos. Como já deu para depreender de uma conclusão importante deste estudo: aumentou muito a precisão das pesquisas.

Assim, apesar da enorme preocupação com o erro amostral, o grande problema das pesquisas é o erro não amostral. É nele que recai a explicação para os principais erros de

pesquisas. Ainda mais quando sabemos que isso acontece de forma sistemática em pesquisas de prognóstico, no primeiro turno, e, em estados com escolaridade baixa. Assim, é necessário aumentar o controle do trabalho de campo realizado em estados de escolaridade mais baixa. Isso esbarra em custo. São justamente os locais nos quais os contratantes das pesquisas estão menos dispostos a pagar por isso.

Trecho do livro ***Erros nas pesquisas eleitorais e de opinião***, Alberto Carlos Almeida. Autor do Best Seller, *A Cabeça do Brasileiro* e de *A Cabeça do Eleitor*. Livro disponível na Seção de Biblioteca do TRE-PR.